

AS REGRAS DO TRABALHO ATUAL E A SUPERPRODUÇÃO MUNDIAL DE PRODUTOS E SERVIÇOS

THE PRESENT WORKING RULES AND THE WORLD'S SUPERPRODUCTION OF PRODUCTS AND SERVICES TO CUSTOMERS

Edson CATELAN*

RESUMO: A presente análise objetiva apresentar ao leitor uma nova maneira de interpretar as condições, e características do trabalho, bem como a competição entre as empresas produtoras de bens e serviços, abordando a grave situação de desemprego no mundo, enquanto o mercado mundial está com dificuldade de consumir bens e serviços comercializados pelas empresas e nações, devido à elevada capacidade de produção destes.

UNITERMOS: Superprodução, Desemprego, Trabalho, Mercado Competitivo.

ABSTRACT: The present objective analysis tries to introduce the reader to a new way of interpretation of the conditions, and working features, as well as the competition among companies of products and services. Boarding the serious unemployment situation in the world, while the world's market has difficulties in consuming products and services commercialized by the companies and nations with highly production's capacity.

UNITERMS: super production, unemployment, work, competitive market.

* Professor Especialista na Área de Administração de Empresas, Administração de Produção da Faculdade de Ciências Humanas da UNIMAR, Marília, SP-Brasil.

INTRODUÇÃO

“As nações estrangeiras são vistas mais como produtores concorrentes do que como clientes potenciais, de modo que as pessoas se predispõem a perder os mercados externos para evitar a concorrência estrangeira”.

Havia, certa vez, numa pequena cidade italiana, um açougueiro que ficou furioso com os outros açougueiros, porque eles roubaram a sua clientela. Para arruiná-los, ele converteu a cidade inteira ao vegetarianismo e viu, depois, com espanto, que se arruinara também. A insensatez deste homem parece inacreditável e, no entanto, ela não é maior do que a das grandes potências. Ao perceberem que o comércio exterior enriquece as outras nações, todas ergueram barreiras tarifárias para destruí-lo. Para seu espanto, descobriram que haviam sido tão prejudicadas quanto suas concorrentes. Nenhuma foi capaz de lembrar que o comércio é recíproco e que a nação estrangeira que lhe vende é a mesma que lhe compra, direta ou indiretamente. Não se lembraram deste fato, porque o ódio às nações estrangeiras tornou-as incapazes de pensar com clareza a respeito do comércio exterior¹. Assim, vejamos o comportamento da França com o protecionismo agrícola.

Superprodução

Há outra razão muito importante quando afirmamos que o mundo está com uma crise de superprodução ou ausência de escassez. Certos tipos de mercadorias custam menos quando produzidas em grande escala. Nesse caso, o modo de produção mais econômico talvez fosse uma única fábrica mundial para cada uma dessas mercadorias. Mas como a situação atual advém de um desenvolvimento gradativo, o

¹ DE MASI, Domenico. *A Economia do Ócio*.

resultado é que existem muitas fábricas. Cada uma acha que se estivesse sozinha no mercado poderia abastecer o mundo inteiro e obter lucros enormes. Na prática, existem diversos concorrentes, nenhum funcionando a plena capacidade, e nenhum, portanto, seguro de operar com lucro. Isto leva ao imperialismo econômico, porque a única possibilidade de lucro repousa no controle exclusivo de um grande mercado. Enquanto isso, os concorrentes mais fracos vão enfrentando dificuldades e fechando suas fábricas, ou vendendo-as aos grandes grupos, e quanto maior a unidade que se fecha, maior o transtorno. A concorrência leva a uma tal superprodução, que as mercadorias já não podem ser vendidas com lucro.

O trabalho

Vemos o lado do trabalho, em que a burguesia, para ser confortada em seu penoso trabalho, retirou da classe trabalhadora um número de homens muito superior ao que permaneceu consagrado à produção útil, condenando esses homens, por sua vez, à improdutividade e ao consumo excessivo. Mas esse rebanho de bocas inúteis, apesar de sua voracidade insaciável, não é suficiente para consumir todas as mercadorias que os operários, embrutecidos pelo dogma do trabalho, produzem como maníacos, sem desejar consumi-las e sem mesmo pensar se haverá alguém para consumi-las. Frente a esta dupla loucura dos operários, ao mesmo tempo matando-se de tanto trabalhar e vegetando na abstinência, o grande problema da produção capitalista não é mais de encontrar produtores e aumentar sua força, mas sim o de descobrir consumidores, excitar seus desejos e criar para eles necessidades fictícias.

CONCLUSÃO

Portanto, uma vez que o vício do trabalho está diabolicamente encravado no coração dos operários; uma vez que a quantidade de

trabalho que a sociedade requer é necessariamente limitada pelo consumo e pela abundância de matérias-primas, por que devorar em seis meses o trabalho de um ano? Por que não distribuí-lo uniformemente pelos doze meses, forçando todos os operários a contentar-se com seis ou cinco horas de trabalho por dia, durante o ano, em vez de terem uma indigestão de doze horas de trabalho durante seis meses?

Seguros de sua porção diária de trabalho, os operários não terão mais inveja uns dos outros, não brigarão para tirar o trabalho e o pão da boca do próximo. Não estando com corpo e mente esgotados, começarão a praticar as virtudes da preguiça e do lazer. Assim, para que haja trabalho para todos seria ideal racioná-lo como se raciona a água no planeta, e estaríamos também eliminando a superprodução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE MASI, Domenico. *A Economia do Ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- DE MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- WEATHERFORD, Jack. *A História do Dinheiro*. São Paulo: Negócio Editora, 1999.

O texto apresentado tem origem na bibliografia indicada, entretanto a análise feita aborda a relação trabalho x superprodução.